

## DESIGN E POLÍTICA: SITUANDO CONCEITOS À VISTA DO ARTESANATO

Palavras-chave: design, artesanato, narrativas contra-hegemônicas.

**SEIXAS, Herik Lucas Costa.**; UFMA; São Luís, Maranhão, Brasil;  
[hlc.seixas@discente.ufma.br](mailto:hlc.seixas@discente.ufma.br)

**NORONHA, Raquel Gomes.**; UFMA; São Luís, Maranhão, Brasil;  
[raquel.noronha@ufma.br](mailto:raquel.noronha@ufma.br)

### 1. Introdução

O design vem conquistando vocações e remodelando habilidades naturais desde sua aparição. Fincada sua origem na ascendência da produção industrial, tem lugar de privilégio na modernidade (Cardoso, 2016). No entanto, é preciso levar em consideração e refletir as mudanças de paradigmas trazidas pela contemporaneidade. As transições epistemológicas necessárias e em curso nos dão um campo de reflexão que perpassam da relação sujeito e objeto, transicionando o design de um lugar estático, imutável, material, atrelado às metodologias resolutivas de problemas, para um terreno aberto, humoso, onde as relações sociais e o subjetivo importam e favorecem pensar o design e sua dimensão política e crítica na sociedade.

A problemática recai no reconhecimento da força catalisadora do “*sentipensar*”<sup>1</sup> do design em suas ações cotidianas, impedidas, grosso modo, pela materialidade do modernismo. Nos aproximamos, especificamente do artesanato, pois está dentro da nossa condição de atuação. Por sua vez, surge uma pergunta norteadora para o estudo: **Qual o potencial político do design em catalisar a autonomia produtiva de comunidades artesanais?** Nessa premissa, esse trabalho foi formulado a partir da necessidade de encontrar teorias que debatam o design político como habilidade ativista em comunidades de produção artesanal.

---

<sup>1</sup> Conceito popularizado por Fals-Borda (2014) que implica *sentipensar* com o território na união da mente, corpo e “*el corazón*”.

Dessa forma, esse estudo deriva de uma Revisão Sistemática de Literatura (RSL) no anseio de reconhecimento da temática referindo-se a fase inicial de uma pesquisa em andamento e complementa outros estudos que estão sendo desenvolvidos no âmbito do “design e a cadeia produtiva do artesanato”. Vale ressaltar que há também um pretexto em continuar o debate de literaturas estudadas no [informação omitida para avaliação às cegas]. De modo geral, objetiva-se neste artigo discutir o design, diante de suas múltiplas vocações, para a ação política à vista da autonomia de artesãos na contemporaneidade.

## **2. Referencial Teórico**

Discutir a terminologia do design no mundo atual tem se tornado algo multidimensionado e complexo à vista das diferentes percepções epistemológicas construídas por diversos autores ao longo da história. Nesse contexto, a abordagem do design e seus precedentes históricos nos leva diretamente a materialização de simbolismos da sociedade, passando longe da compreensão do sensível (Cardoso, 2016).

Por essa preeminência, passadas décadas, estudos ainda trazem para o cerne o discurso de grandes precursores da teoria do design: Victor Papanek (1977) e Gui Bonsiepe (2011), de formação norte globalista, fundamentaram-se nas ideias das necessidades básicas e nas abordagens de base, atentos à essencialidade da responsabilidade social e prática política do designer. No que concerne, Papanek (1977) em um de seus escritos enfatiza que o design precisa ser revolucionário e radical, sugerindo “voltar às suas origens” daquele potencial sensível e inovador de transformar a comunidade em busca do bem-estar humano, em conexão com a inclusão e diversidade dos seres, infundi ainda dizendo que muitas áreas precisam aprender a “desprojetar” (“*de-design*”) e só assim teremos sobrevivência por meio do design; Bonsiepe (2011) correlaciona a prática de design ao exercício das capacidades projetuais para interpretar as necessidades de grupos sociais e elaborar propostas emancipatórias.

Com efeito, essas duas reflexões recaem sobre diversos fatores procedentes no sistema de políticas desenvolvimentistas hegemônicas atual e, ao dar forma às normas sociopolíticas e socioeconômicas dominantes, o design simultaneamente confere significado e valores e afirma o paradigma. A contestação desse implica a existência de

# V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

uma(s) contranarrativa(s), afirma Fuad-Luke (2009). Arturo Escobar (2016) reforça a discussão explicitando os ‘efeitos desfuturizantes’ do design moderno, com suas contribuições sistêmicas de insustentabilidade de eliminar muitos futuros possíveis, se fazendo necessário recuperar a capacidade de imaginar futuros com o design, uma transição do iluminismo para um novo horizonte de sustentabilidade. Essas ideias explanam o sentimento de movimentos insurgentes ressoantes às críticas feitas ao design industrial que concebe a atividade sob ameaças às culturas, às economias emergentes e às relações sociais, complementa Cossio *et al.* (2021).

Trazendo à vista do artesanato, a sua produção além do seu papel como recurso suplementar de rendimento familiar, se põe também como inserção na esfera do consumo, atração turística e como instrumento de coesão ideológica indicando lugares e funções nos quais o capitalismo delas necessita, afirma Canclini (1983). No entanto, não alcançamos inteiramente a sua significância pois temos como ponto de partida e unidirecional o sistema dominante, complementa o autor. Esta perspectiva incita reflexões ao estabelecimento de um design rumo à autonomia em comunidades (indígenas, quilombolas ou mesmo urbanas) que possibilita a autorregulação e autogestão, a partir de princípios internos, mas articulados com o seu exterior, considerando os lugares de falas de cada um dos afetados, os diálogos com o tempo da natureza, a curiosidade e a observação do comportamento dos materiais, antecipando-o e contendo seu transbordamento para além daquilo que se pretende construir como artefato, reverbera Noronha e Abreu (2021).

No seio desse pensamento reside a potência do “*sentipensar*”, abrindo inúmeras possibilidades, entre elas a de refletir sobre decolonidade no design, afirma Ibarra (2021). Isto significa, a partir do conceito de Fals-Borda (2014) que propõe uma união entre o campo do racional e do vivido emocional. Nessa perspectiva, contemporaneamente, há uma crescente busca por soluções encontradas no universo do sensível<sup>2</sup>, este artifício que busca um incremento na capacidade de fazer com, aonde o design vai além das novas

---

<sup>2</sup> O sensível incorpora um conhecimento que vai além da percepção da realidade (...) é ter a capacidade de observar, de entender e se colocar no lugar do outro, de viver situações em realidades adversas, de explorar o sentido de humanidade, de buscar a consciência do exercício da política e do sentir (Moura, 2018, p.60)

# V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

características óbvias formais, atingindo as multidimensionais, essenciais ao exercício político da cidadania na formação do sujeito, atribui Moura (2018).

Sob esse plano, as práticas corriqueiras do design caminham ao pragmatismo operando na macropolítica, enquanto o design político deveria acontecer nesse avesso, gerando uma fresta no regime e agindo micropoliticamente. O design, nessa visão, surge como um mecanismo de governança útil, desempenhando um papel crítico à construção do cosmos do político por meio da “ampliação” (o que conta como político), “especulação” (outras formas de fazer política) e o “questionamento” (do político), reverbera Rubio e Fogué (2015). Em suma, o “ativismo em design” vem à tona como atitude, pensamento, imaginação e prática de design aplicadas consciente ou inconscientemente para criar uma contranarrativa objetivando gerar e equilibrar mudanças sociais positivas, finaliza dizendo Fuad-Luke (2009).

### 3. Procedimentos adotados

Instrumentalizando a pesquisa, prosseguindo com a RSL, embasada por Santos (2018), após a delimitação teórica, critérios definiram a conduta a ser adotada para a investigação e estabelecendo, assim, o protocolo, como bem conceitua Santos (2018) e Gil (2002) essa ferramenta é uma das formas de aumentar a confiabilidade do estudo. O Quadro 1 sintetiza todos os parâmetros definidos.

Quadro 1 – Critérios para Revisão Sistemática

Itens	
Bases de dados	Periódico da CAPES, SCIELO, Oasisbr, Blucher Proceedings
Tipo de documento	Artigos
Área de concentração	Design, Ciências Sociais Aplicadas
Período	2015 a 2025 (últimos 10 anos)
idiomas	Português, espanhol e inglês
Pergunta	Qual o potencial político do design em catalisar a autonomia produtiva de comunidades artesanais?
Palavras-chaves	design, política, artesanato, ativismo, design político;
Critérios de inclusão	Estudos relevantes desenvolvidos principalmente em comunidades produtoras de artesanato, com/sem intervenções de ferramentas de design; que apresentem relação com o objeto de estudo do trabalho;
Critérios de exclusão	Não possuem relação com o design, artesanato e ativismo político; com acesso corrompido ou privado; estudos com informações irrelevantes para o mapeamento dos dados de acordo com o objetivo da pesquisa;

Fonte – Elaborado pelos autores (2025)

# V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

No que tange a questão norteadora e mediadora de estudo para entender como o design tem atuado no contexto político para o fomento e valorização do trabalho artesanal, as pesquisas escolhidas objetivamente para análise situaram-se em abordagens que mostraram claramente as influências do design no processo ativista, entre alguns estudos de casos com abordagens práticas e levantamentos teóricos. Ao todo, foram identificados dezessete (17) artigos científicos, entre compilados de dissertações e teses, e relatos de experiências de projetos. No processo de triagem, considerando diversas informações, foram excluídos os estudos repetidos, e todos os que se aproximavam mais do campo de estudo delimitado pelo protocolo foram selecionados, resultando em um total de sete (7) artigos.

## 4. Discussão

Esse estudo incita a reflexão sobre as complexas interações do design, o artesanato e a política na contemporaneidade, constatando a urgência de abertura do campo para projetarmos novas condutas ficadas mais profundamente sob os valores éticos e responsáveis socialmente com o meio ambiente. Nessa premissa, como propunha a questão central da pesquisa, é promissor compreender o encadeamento político no artesanato, visto a necessidade de mediação aos diversos efeitos das relações humanas e subversivas ao modernismo: colonialismo, patriarcado, e outro muito discursivo para nosso contexto, o capitalismo. Nesse foco, é no exercício cidadão que encontraremos significado e significância e, certamente, aqueles que praticam o ativismo conseguem romper as fronteiras consideravelmente engendradas.

## REFERÊNCIAS

BONSIEPE, Gui. **Design, cultura e sociedade**. São Paulo: Blucher, 2011.

BORDA, Orlando Fals. **Ciencia, compromiso y cambio social - Antologia**. Herrera Farfán Nicolás Armando/López Guzmán Lorena. (Comps.). Montevideo: El Colectivo - Lanzas y Letras - Extensión Libros, 2014.

CARDOSO, Rafael. **Design para um mundo complexo**. São Paulo: Ubu Editora, 2016. 264p.

# V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

COSSIO, Gustavo; CARDOSO, André Luiz Carvalho; ALMENDRA, Rita Assoreira. Design para a necessidade e design para o desenvolvimento. In: **Anais do Simpósio de Pós-Graduação em Design da ESDI**. Rio de Janeiro (RJ), 2021. Disponível em: [https://www.even3.com.br/anais/spgd\\_2021/478413-design-para-a-necessidade-e-design-para-o-desenvolvimento--uma-mirada-historica](https://www.even3.com.br/anais/spgd_2021/478413-design-para-a-necessidade-e-design-para-o-desenvolvimento--uma-mirada-historica). Acesso em 16 jul. 2025.

ESCOBAR, Arturo. **Sentipensar con la tierra. Nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia**/ Arturo Escobar. Medellín: Ediciones UNAULA, 2014 184 p. (Colección Pensamiento).

FUAD-LUKE, Alastair. **Design activism: beautiful strangeness for a sustainable world**. London: Earthscan, 2009.

NORONHA, Raquel Gomes; ABREU, Marcella. Conter e contar: autonomia e autopoiesis entre mulheres, materiais e narrativas por meio de Design Anthropology. **Pensamentos em Design**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 60–75, 2021. Disponível em: <https://revista.uemg.br/pensemdes/article/view/5923>. Acesso em: 21 set. 2025.

IBARRA, María Cristina. **Design como correspondência [recurso eletrônico]: antropologia e participação na cidade**. Recife: Ed. UFPE, 2021

MOURA, Monica Cristina. **Design para o sensível: política e ação social na contemporaneidade**. In: Revista de Ensino em Artes, Moda e Design, Florianópolis, v.2, n.2, p.44–067, 2018. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/ensinarmode/article/view/1196> Acesso em: 18 fev. 2025.

PAPANÉK, V. **Diseñar para el mundo real: Ecología humana y cambio social**. Madrid: H. Blume, 1977.

RUBIO, Fernando Domínguez; FOGUÉ, Uriel. **Desdobrando as capacidades políticas do design**. In: YANEVA, Albena; ZAERA-POLO, Alejandro. What is cosmopolitical design? design, nature and the built environment. Surrey: Ashgate, 2015. p.143-160.